

# O Trabalho

A EMANCIPAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ OBRA DOS PRÓPRIOS TRABALHADORES

## editorial

### Orçamento de 2024

#### AS INCERTEZAS DE ANTÓNIO COSTA E AS NOSSAS

**D**iz do próximo orçamento o primeiro-ministro que as “incertezas” se mantêm, embora agora sejam outras.

**E** que, portanto, o orçamento do Estado para 2024 deve manter-se “prudente” – e reduzir a “despesa permanente”, conforme recado do cidadão privado Mário Centeno logo no início de Setembro (ver pág. 3).

**A**s incertezas de Costa são a guerra na Ucrânia, a recessão na Alemanha, as próximas ordens da senhora von der Leyen, não vá o déficit... do senhor Stoltenberg, toca a aumentar a despesa militar...

**É** verdade que a crise do sistema mundial controlado por Washington se agrava dia a dia. Abrem-se fissuras por todo o lado, alastram as guerras imperialistas contra os povos, da Ucrânia ao Alto Karabakh e à Palestina ocupada, enquanto os EUA apertam o cerco económico e militar à China.

● mundo do capitalismo imperialista está transformado num barril de pólvora que pode deflagrar a qualquer momento.

**É** apoiado nas incertezas de A. Costa que o governo anuncia um “aumento” geral de 3% para a função pública – uma bofetada infame, vista a aceleração das perdas de poder de compra causadas pela inflação e pelas medidas de extorsão do Banco Central Europeu (ver pág. 2).

**I**ncertezas, há-as, sim. Mas não há só as de Costa. Há por aí outras.

**H**á, por exemplo, a incerteza dos trabalhadores do público e do privado de saber se poderão pagar a próxima prestação da hipoteca, sujeita ao próximo aumento que a sr<sup>a</sup> Lagarde do BCE decidir se e quando lhe apetecer. Ou se serão despejados no mês que vem pelo senhorio, interessado em aumentar a renda para acolher nómadas digitais, residentes não habituais ou trabalhadores imigrantes amontoados por traficantes de seres humanos em sistema de rotação de cama quente.

**H**á a incerteza em que vivem se amanhã ainda poderão pagar o super-mercado e a gasolina e alimentar os filhos.

**A** incerteza se amanhã ainda terão emprego, não vá a “concorrência livre e sem entraves” condenar a empresa onde trabalham à falência ou ao *layoff* (pago pela sua segurança social), ou a “plataforma” mudar de ideias ou “fechar a loja”.

**A** incerteza se continuarão a ter cuidados de saúde quando deles precisarem, se conseguirão ter uma pensão de reforma que lhes permita viver sem ser na miséria absoluta.

**N**o orçamento para 2024, estão frente a frente estes dois tipos de incertezas.

**E** estão, consequentemente, frente a frente as escolhas correspondentes.

**Um governo ao serviço dos trabalhadores escolheria acolher as legítimas reivindicações deles, aumentar substancialmente os salários e instaurar o seu ajustamento automático à inflação; escolheria acabar com a precariedade e garantir contratos de trabalho a todos; escolheria congelar as rendas, confiscar todas as habitações propriedade de fundos imobiliários e alojar todas as famílias desalojadas ou mal alojadas; escolheria proibir aumentos de juros pela banca e reconduzir as prestações da habitação aos seus valores pré-inflação, absorvendo a banca a diferença; escolheria retirar as tropas portuguesas das operações da NATO e abandonar esta aliança imperialista.**

**S**e o governo do PS, apoiado na maioria absoluta, escolhesse este caminho, teria o apoio da grande maioria dos trabalhadores, determinados a afrontar todas as incertezas com a força da sua invencível unidade.

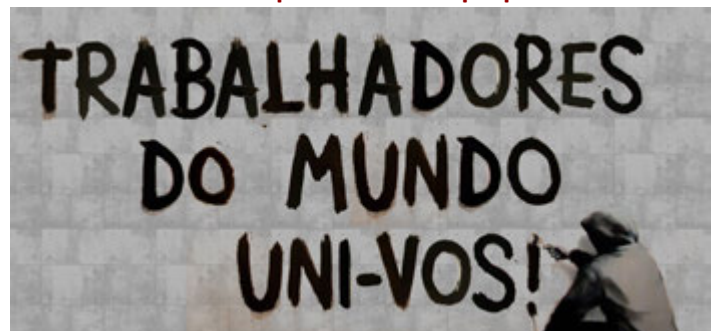
**T**udo isso seria desobedecer à NATO e à União Europeia? De facto.

**M**as os trabalhadores portugueses não estão sozinhos. Em Espanha, em França, na Alemanha, os trabalhadores debatem-se exactamente com as mesmas incertezas e cogitam exactamente nas mesmas respostas. Nos EUA, no coração do imperialismo, estão a decorrer as maiores greves desde há gerações, nomeadamente no sector automóvel.

● problema, sabemos-lo bem, é que as incertezas que mais preocupam Costa são as outras.

**E sabemos que os trabalhadores vão ter de construir a sua frente de resistência unida, por si próprios, com os seus sindicatos e comissões, e com os trabalhadores do resto da Europa e do mundo.** Para aí aponta o 2º Encontro Nacional dos Solidários, em 28 de Outubro (pág. 6).

**Esse é o caminho que O Trabalho propõe.**



## política

**BCE - LAGARDE SOBE TAXAS DE JURO MAIS 0,25%:  
UM SAQUE DIRECTO AO BOLSO DOS TRABALHADORES****“Política monetária”? Não: golpe de carteirista**

Passou discretamente na imprensa o mais recente aumento das taxas de juro decretado pelo *Banco Central Europeu*.

Já são tantos, que passaram à rotina. E se, uns dias mais tarde, se anunciava, separadamente, que as prestações dos empréstimos variáveis indexados à taxa Euribor (a grande maioria em Portugal) vão aumentar de novo, o jornalismo oficial não fez grande ligação.

A 29 de Setembro, o *Público* informava, assim, prestimoso, que, para um empréstimo de 150 mil euros a 30 anos, a prestação mensal da hipoteca sobe 160 euros. Os mutuários compradores de casa e os que gostavam de o ser senti-lo-ão à próxima actualização dos bancos. A prestação da hipoteca tem cada vez mais juros: paga-se cada vez mais, mas a dívida abate cada vez menos.

**Uma inflação “boa”:  
a dos lucros da banca**

Em notícias também cuidadosamente separadas, em final de Julho, anunciaram-se os “resultados” da banca no primeiro semestre de 2023: 5 mil milhões de “margem financeira” para os grandes bancos. Destes, uns 2 mil milhões são lucro puro. Dobram os resultados do ano passado.

Milagre maior: até o *Novo Banco* tem lucros fenomenais! Lembrem-se de como o NB só dava “prejuízo” atrás de “prejuízo”, ano após ano? Só almas maldosas notaram que os “prejuízos” acabaram abruptamente logo que expiraram certas cláusulas da privatização: as que permitiam à Lone Star ir buscar dinheiro ao orçamento do Estado todos os anos, às pazadas de milhares de milhões, invocando “perdas”.

• milagre da multiplicação dos lucros da banca não tem mistério: os bancos multiplicaram por muitos os juros cobrados aos clientes (mas não os pagos sobre os depósitos), seguindo a deixa do *Banco Central Europeu*.

A maioria dos empréstimos dos bancos está contratualmente indexada às taxas de juro do BCE. Quando este aumenta as suas taxas directoras, a imprensa da especialidade chama-lhe delicadamente “aperto da política monetária”. Mas não é “política monetária” nenhuma.

• BCE funciona antes como um carteirista comum: põe em marcha um tentáculo que mergulha sem autorização nas contas e nos bolsos da população trabalhadora e lhe extorpe uma boa parte do seu rendimento, que transforma em juros, vertidos a rendimento do capital financeiro.

Este efeito não é uma “consequência” da política do BCE: **é o seu objectivo directo e declarado.**

**Inflação e “política monetária”**

Relembremos o que é o famoso “fenómeno” da inflação. A inflação de que se fala não é simplesmente o aumento dos preços. Preços há muitos.

A taxa de inflação mede a subida de um preço calculado sobre um cabaz de compras “médio”.

Este cabaz de compras não inclui o preço

de iates, nem de aviões privados, de lenços *Hermès*, porta-aviões, tanques de guerra ou mansões na Florida ou na Quinta da Marinha.

Tão-pouco inclui os preços das máquinas industriais. Muito menos o preço das empresas, o preço das acções das empresas cotadas ou de outros títulos.

É, aliás, notório, que à inflação do preço das acções não se chama inflação, chama-se “boom bolsista” – que não é motivo de preocupação, mas de júbilo dos pivôs de telejornal e jornais económicos.

Não. A inflação de que se fala, a que preocupa o *Federal Reserve* americano e o *Banco Central Europeu*, é a que mede a evolução dos preços de um cabaz que corresponde às compras do trabalhador médio.



Porquê tal interesse das austeras e aquilinas figuras que povoam as faustosas cimas dos bancos centrais pelas modestas compras de quem trabalha?

Por uma razão simples: o valor da força de trabalho do trabalhador depende do preço das mercadorias que tem de consumir para reproduzir a força que tem para trabalhar, dia após dia. Se o preço dessas mercadorias aumentar, o valor da força de trabalho também aumenta – e o preço de mercado da força de trabalho (o salário) tenderá a ser puxado para cima. Se os trabalhadores deixam de conseguir reproduzir a sua força de trabalho, entram em tal risco para si e suas famílias, que não lhes resta remédio senão lutar por aumentos salariais. E aumentos salariais generalizados fazem pressão sobre os lucros do capital.

Repare-se na ironia: o capital precisa de ter mão nos preços das mercadorias que os trabalhadores consomem para evitar uma

escalada da luta de classe dos trabalhadores, greves perigosas e, pior, vitoriosas, que imponham o consequente aumento dos custos de produção.

Por isso, as Lagardes e Centenos deste mundo andam com o credo da “espiral salários-preços” na boca. Não porque haja espiral nenhuma. Pelo contrário, até os economistas oficiais admitem que esta inflação resultou: a) da injeção de biliões de dólares inventados pelo próprio BCE e pela Reserva Federal americana nas crises anteriores e na pandemia, para evitar o colapso catastrófico da economia mundial – alimentando, durante anos, enormes super-lucros dos grandes grupos financeiros; b) da especulação com os combustíveis e todo o género de matérias-primas ocasionada pelas sanções

impostas à Rússia, quando começou a guerra na Ucrânia; c) da explosão dos orçamentos militares em todo o mundo.

Não obstante, o medo é que os trabalhadores reajam à escalada de preços com greves e insurreições.

Mas o curioso é o seguinte: Que efeito tem a inflação dos preços do “cabaz de compras”? Por definição, um só: aumenta esses preços e baixa, consequentemente, o poder de compra dos salários. Só o dos salários! As empresas podem reagir a aumentos dos preços das suas matérias-primas, combustíveis, etc., com aumentos dos seus próprios preços de venda, mantendo ou aumentando os lucros.

**E o que faz a “política monetária anti-inflacionista” dos bancos centrais em nome da classe capitalista? Confisca e converte em juros, que são rendimentos do capital, mais uma parte dos salários, que são rendimento do trabalho!**

• remédio do capital para a baixa dos salários causada pela inflação é... confiscar outra parte dos salários!

É a luta de classes nua e crua do capital contra o trabalho.

Para “combater” a inflação, o BCE rouba os salários e passa o saque ao capital.

Para combater esse saque, os trabalhadores precisam de reorganizar e recompor as suas próprias armas de defesa sindical e política e passar à contra-ofensiva.

## política

Mário Centeno inaugura o debate do orçamento para 2024

**A ordem: reduzir a despesa permanente**

**M**ário Centeno foi ministro das finanças da chamada geringonça.

**N**essa qualidade, prosseguiu a brutal política de austeridade da troika, mas fazendo de conta que o capítulo da austeridade estava encerrado. Ajudou, assim, as direcções do PS, do Bloco de Esquerda e do PCP a vender essa banha da cobra às suas bases. A habilidade de Centeno consistiu em cativar o orçamento e destarte cativar a União Europeia e a burguesia nacional e internacional.

**P**ara cobrir as modestíssimas reposições de pensões e salários sem deixar de satisfazer as exigências de redução do défice e da dívida pública da União Europeia, do BCE e do FMI, Centeno e Costa acabaram com o investimento público: se se descontar a amortização do património público (escolas, hospitais, etc.), praticaram uma política de desinvestimento brutal.

**R**ecompensado com o cargo de governador da província portuguesa do *Banco Central Europeu* (cargo que, oficialmente, mantém o nome de “governador do *Banco de Portugal*”), Centeno resolveu, neste início de Setembro, lançar preventivamente o “debate” orçamental para 2024 com um documento de análise que, divulgado embora pelo seu *Banco de Portugal*, é, ineditamente, “pessoal”.



**O** documento intitula-se “Encruzilhada de Políticas”. Dirige-se ao governo e aos partidos do “arco da governação”.

**A** mensagem é simples: o Governo tem de continuar a reduzir o peso da dívida pública na economia. Para isso, é preciso diminuir o peso das “despesas de carácter permanente” do Estado.

**E**m português corrente: não têm professores, médicos, enfermeiros, funcionários judiciais lido e ouvido que, em anos recentes, o défice e a dívida pública têm baixado continuamente (à sua custa...)? Suponhamos que, animados pelas lutas e greves que têm porfiadamente travado, acham chegado o momento de restaurarem finalmente algum do poder de compra que perderam nos últimos vinte anos, recuperarem salários e condições de trabalho decentes.

**A**ntecipando-se a tal suposição, Centeno avisa: Nem pensar! Não há folga!

**L**ogo nos dias seguintes à publicação do documento de Centeno, o mote foi retomado e glosado em editoriais pelo

departamento de agitprop do regime, o jornal Público, da família Azevedo/Sonae, e pelo restante comentariado: desenganem-se, não há folga nenhuma!

**N**ote-se que Centeno nem sequer estava a falar em “contenção” orçamental. O que ele diz é que o peso das “despesas de carácter permanente” deve ser *reduzido*!

**"P**ermanentes" são, sobretudo, as despesas que se repetem ano a ano por força de contratos de trabalho com vínculo.

**P**ercebem agora por que o ministro da saúde, disposto embora a oferecer aos médicos e outros funcionários “prémios” por objectivos e por “mérito” – aumentar vencimentos-base, só por cima do seu cadáver? Mesmo que, a curto prazo, o gasto viesse a dar no mesmo?

**P**ercebem por que aumenta incessantemente, na saúde, o volume da despesa com “serviços contratados” (ao sector privado), ainda que isso acabe por sair mais caro ao orçamento do SNS do que aumentar os salários dos médicos e enfermeiros e vinculá-los nos hospitais públicos?

**P**ercebem por que o ministro da educação recusa teimosamente anular o roubo que a troika fez do tempo de serviço dos professores? Porque teria impacto nos vencimentos-base de milhares de professores – impacto na “despesa permanente”!

**Contratar pessoal para serviços onde falta? Contratados a prazo, precários, despedíveis à toa: talvez.**

**Aumentar salários-base, contratar pessoal permanente, pagar-lhe decentemente? Nem pensar!**

**A** razão por trás de tudo isto está dada e remonta a Centeno/Lagarde/von der Leyen: se for absolutamente necessário aumentar alguma coisa, aumente-se, então, e só, despesa que se possa reverter facilmente, despesa não “permanente”.

**C**ontratar pessoal para serviços onde falta? Contratados a prazo, precários, despedíveis à toa: talvez.

**A**umentar salários-base, contratar pessoal permanente, pagar-lhe decentemente? Nem pensar!

**N**a sua suave e jesuítica linguagem de economista, Centeno comanda: “a política orçamental deve continuar a orientar-se pela noção de que não se alterou aquilo que há cinco anos não era financiável!” O peso da despesa permanente deve diminuir!

**S**e Costa não perceber bem: venha o Montenegro. Montenegro é uma nulidade incapaz? Venha o Ventura. Mas corte-se a despesa permanente.

**C**enteno ditou a lei de Washington, Franqueforte e Bruxelas.

**P**ode agora subir o pano para a tourada parlamentar, para entreter a bancada por uns meses.

**A** distribuição do cartaz é a habitual.



## actualidade / política



## O capitalismo e o lucro, obstáculo intransponível para resolver a questão da habitação digna e acessível para todos

**No dia 30 de Setembro, milhares e milhares de manifestantes, em dezenas de cidades do país, saíram à rua para exprimirem a sua revolta com a destruição do direito dos jovens e dos trabalhadores a uma habitação condigna – hoje em dia, simplesmente, a uma habitação**

Começemos por desfazer qualquer ilusão: seja qual for o ângulo de abordagem adoptado – planeamento territorial, sociologia, arquitectura, urbanismo, ciência política, etc. – não existe, sob o capitalismo, solução para a questão da habitação digna e acessível para todos.

Políticos “liberais” e quejandos prometem resolver o problema das rendas altas ou dos juros inflacionados (no empréstimo para compra de habitação) com soluções tecnocráticas para baixar ou estabilizar o custo da habitação: rendas controladas, apoios estatais, incentivos fiscais, dinamização do mercado de arrendamento pelo Estado, etc. Há quem, de boa ou, mais provavelmente, de má fé encare estas “soluções” como única perspectiva de alívio para a crise da habitação.

Não é que não seja possível impor medidas como o controlo das rendas ou a habitação social e melhorar as condições de vida das classes mais desfavorecidas. Aconteceu, por exemplo, a seguir à revolução de 1974 – mas aconteceu porque as massas trabalhadoras mobilizadas o impuseram ao capital com a relação de forças dos factos consumados. E tudo voltou para trás quando o capital voltou a impor a sua lei.

Enquanto marxistas, apontamos claramente para o “elefante na sala”: o capitalismo nunca poderá satisfazer as nossas necessidades de habitação digna e acessível. Em capitalismo, tudo depende do motivo do lucro dos proprietários. Pode-se repetir à saciedade que a habitação é um “direito básico”. A própria Constituição o diz. Só que a única pergunta a que o “mercado livre” quer realmente responder é outra: o que mais enriquece, a cada momento, investidores, proprietários da terra e senhorios?

Na sociedade capitalista, a terra e o parque habitacional são mercadorias, bens e serviços que podem ser comprados, alugados e vendidos com lucro. Como com todas as mercadorias sob o capitalismo, o que rege a produção e manutenção da habitação é o lucro.

Podemos ilustrar o que dizemos com o caso português – agora na ordem do dia do debate político nacional, tal a intensidade com que a crise da habitação actualmente se apresenta no país, obrigando até o governo a aprovar um pacote legislativo especial.

O problema da habitação tem sido, em Portugal, uma constante ao longo dos últimos 110 anos, pelo menos. Nenhum governo fez, alguma vez, uma política que apresentasse resultados concretos e coerentes com as necessidades das populações – com a referida pequena, mas significativa, excepção, que duraria apenas cerca de 2 anos.

Referimo-nos às operações SAAL (Serviço Ambulatório de Apoio Local) em 1974/75, no pós 25 de Abril.

O 25 de Abril tinha herdado do Estado Novo, entre muitos outros, um dramático problema de habitação, exposto nos “bairros de lata” que rodeavam algumas das principais cidades do país em consequên-

cia das migrações “do campo para a cidade”.

No contexto do que depois se chamou o PREC (*Processo Revolucionário em Curso*), o arquitecto Nuno Portas, então Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo do I Governo Provisório, fundou o projecto SAAL, com o objectivo de apoiar as autarquias e as populações interessadas na resolução dos problemas da habitação das populações mais carenciadas, que viviam em barracas e bairros de lata. O projecto envolveu arquitectos e população numa iniciativa única e revolucionária, que, enquanto dava casas aos mais pobres, em alguns casos construídas pelos próprios, afirmava a arquitectura portuguesa no estrangeiro como nunca antes.

O que tornou possível este acontecimento único? O processo revolucionário, que varreu o poder estabelecido e permitiu às classes desfavorecidas e aos técnicos que se envolveram no projecto tomar consciência da sua força e capacidade de decisão e nele porem toda a sua energia.

A contra-revolução viu nessa consciência e nessa acção o perigo que encerrava para os interesses da propriedade privada; assim que o período revolucionário “esfriou”, um despacho encerrou o processo SAAL, a 27 de Outubro de 1976, minimizando os seus resultados. E, no entanto, estes persistem até hoje, como se vê na foto abaixo do Conjunto Habitacional da Bouça, no Porto, da autoria de Siza Vieira.



Desde então, e até hoje, os governos do capital nada fizeram que se pudesse comparar ao que o SAAL conseguiu em tão curto período e com o restritivo controlo orçamental que as condições económicas da época impunham.

Continua na página seguinte

Continuação da página anterior

Vão, sim, fazendo o seu papel de adoptar “medidas” de “ajustamento dos incentivos” aos proprietários, para estes fazerem mais disto ou mais daquilo para obterem mais lucro; mas sem políticas (públicas), pois “é preciso deixar os mercados funcionarem”.

Tal é bem expresso, todos os anos, nas dotações orçamentais dos sectores e serviços sociais, onde, do miserável quadro geral, um sector se destaca ainda mais pela negativa: o da habitação (ver gráfico abaixo, que mostra o peso relativo de várias políticas públicas na despesa total do país, o PIB). O que mais é, um estudo de 2015, citado por Gonçalo Antunes, notou que quase três quartos desse investimento mínimo em políticas de habitação se destinou a apoios à pessoa, especialmente bonificações de juros no crédito à habitação (sempre o mercado...), e apenas um sexto em programas de promoção directa. A política de assistencialismo aplicada à habitação.

Assim, o parque de habitação pública português corresponde a

ínfimos 2% do total, uma irrisória fracção, mesmo em comparação com os países capitalistas europeus mais industrializados.

O Pacote Mais Habitação do governo Costa não serve outro propósito que não seja manter este estado de coisas.

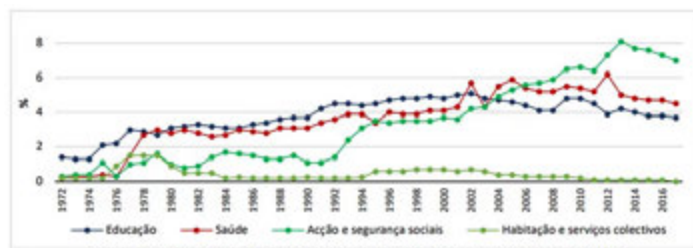


Figura 1: Evolução das despesas do Estado em % do PIB, por algumas funções (1972-2017). Fonte: Elaboração própria, fonte dos dados: PORDATA e Santos, Teles & Serra (2014, p.9)

Retirado de “O acesso à habitação pública e as políticas públicas”.

## Luta de classes

### Privatização da TAP

#### MAIS UM PASSO NA DESTRUIÇÃO DA ECONOMIA

O governo anunciou oficialmente a privatização da TAP.

Alienará entre 51 e 100% do capital da empresa. Fará, disse, um caderno de encargos que assegure os “interesses do país”, nomeadamente a manutenção do chamado “hub” (placa giratória de voos) de Lisboa.

A oposição reaccionária, que há muito exige a privatização (e faria exactamente o que Costa está a fazer), tem-se deleitado em citar o mesmo António Costa quando ele invocava a “importância estratégica” da TAP para o país para manter a empresa nas mãos do Estado, comparando-a às caravelas.

Costa, obviamente, como voluntário servidor dos tratados europeus, “*não tem alternativa*”.

Ou não privatiza, e a Comissão Europeia paralisa a gestão da TAP, invocando a proibição das ajudas do Estado, pecado mortal contra o único princípio constitucional da União Europeia – e, portanto, de Portugal – que é o princípio da “concorrência livre e sem entraves”.

Ou privatiza, e à TAP acontecerá o que decidirem os compradores, quaisquer que sejam os desejos pios sobre o “*hub de Lisboa*”.

A crónica das privatizações em Portugal é longa. É uma crónica invariável de pilhagem e destruição de riqueza nacional. A começar pela anterior privatização da TAP, comprada por Neeleman com o dinheiro da própria TAP (financiou-se com a falcatrua dos Airbus, sem gastar um tostão de seu), largando-a à beira da falência – não sem levar uma indemnização de 50 milhões. A privatização da Groundforce, em tudo idêntica, com o Casimiro da Pasogal a receber a empresa sem dar um tostão, a embolsar milhões em lucros e a largá-la na falência – onde agora fundos especulativos privados do Kuwait vão buscá-la outra vez à borla. A privatização do BES, levado à falência pelos “donos disto tudo”, ao fundo especulativo texano Lone Star, que custou dezenas de milhar de milhões de euros ao erário público. Os CTT, desmantelados. E por aí fora...

Muitos representantes sindicais dos trabalhadores da TAP, moídos por anos de roubo salarial aos trabalhadores e cientes de que as directivas europeias não permitem capitalizar a TAP nacionalizada, preferem, independentemente do processo de privatização ou não, dar prioridade à luta por salvaguardar os interesses do pessoal nos acordos de empresa em negociação. Compreende-se.

No entanto, a experiência já é demasiado longa para ter ilusões: a privatização virá inevitavelmente associada a ameaças graves a muitos postos de trabalho e em nada garantirá o futuro da empresa.

Deve ser vigorosamente rejeitada. Que o Estado garanta os postos de trabalho, a capitalização da empresa, o “*hub*” – e rompa com as ordens da Comissão Europeia em todos esses pontos.

### O layoff na AutoEuropa

#### TIRAR AO TRABALHO... ..DAR AO CAPITAL

No início do mês de Setembro, a AutoEuropa anunciou a paragem da produção por dois meses, com suspensão de toda a actividade. A razão: a falta de uma roda dentada cujo fornecedor sofrera com inundações na Eslovénia...

A empresa passou ao despedimento de centenas de trabalhadores temporários (com a “promessa” – sem qualquer valor jurídico – de reintegrá-los uma vez finda a suspensão da produção).

Aos restantes, põ-los em *layoff*. Anunciando aos quatro ventos que os trabalhadores continuariam a receber 95% do salário durante a suspensão, a Volkswagen invocou, na realidade, disposições da lei do *layoff*. Mais de metade dos salários seria, assim, paga pela segurança social – portanto, pelos descontos dos próprios trabalhadores da AutoEuropa e do resto do país.

O governo apressou-se a concordar e a mandar a segurança social fazer o necessário.

É estranho: a própria lei do *layoff* reserva a concessão de tal medida para situações excepcionais, como “*alterações de mercado, motivos estruturais ou tecnológicos e catástrofes*” – mas condiciona-a fortemente, ao determinar, como referia o *Expresso* em 7 de Setembro, que “*qualquer um destes motivos só é elegível se o lay-off for a única medida capaz de assegurar a viabilidade económica da empresa e a manutenção dos postos de trabalho*”.

Não é preciso fazer um desenho ou mostrar gráficos: alguém acredita que a “*viabilidade*” do gigante Volkswagen ficasse sequer mordiscada por a empresa pagar, durante dois meses, os salários dos trabalhadores impedidos de trabalhar pelas asneiras dos gestores da própria empresa?!

**Foi um óbvio abuso da lei – abuso que contou com a complacência servil do governo.**

Costa e Medina confiam que já ninguém se lembre da próxima vez que vierem dizer que a segurança social está insustentável e vai entrar em défice em breve por as pensões demasiado generosas... como o FMI famosamente escreveu num dos seus relatórios.

No vasto parque industrial que circunda a AutoEuropa, de empresas médias e pequenas criadas para a servir, contaram-se por centenas os trabalhadores temporários que perderam o emprego...

Entretanto, os administradores da empresa acabaram por encontrar fornecedores alternativos da roda dentada em Espanha e sabe-se lá onde – e a produção retomou aos poucos no início de Outubro.

A história contém uma lição profunda sobre a política dos governos acorrentados à União Europeia.

Os fundos da segurança social, alimentados de descontos dos trabalhadores, são parte do rendimento do trabalho.

Usados para cobrirem os custos salariais de uma empresa, transformam-se, por milagre, em lucros, em rendimento do capital.

É a política geral do governo UE/Marcelo/Costa.



## Luta de classes

Nesta página reproduzimos o convite do movimento "Solidários: Trabalhadores Atacados Não Podem Ficar Isolados" para o seu 2º Encontro Nacional, no dia 28 de Outubro, em Lisboa.

Os "Solidários" formaram-se para responder a uma necessidade comumente sentida por tantos lutadores do movimento operário e sindical: a necessidade de construir a resposta unida dos trabalhadores, alvo de ataques desenfreados ao salário, ao emprego, à habitação, à saúde, ao ensino, em todos os sectores, no público e no privado. A necessidade de construírem eles próprios a coordenação e a unidade das suas lutas, quando as direcções da CGTP e da UGT ou se comprometem na "concertação social" ou promovem "jornadas de luta", esgotantes, pequenas greves sem amanhã, recusando-se a soldar o imenso exército dos explorados numa só resposta unida que, à ofensiva incessante do capital, da sua União Europeia e dos governos ao seu serviço, oponha a preparação da greve geral pelas nossas reivindicações.

O 2º Encontro Nacional poderá ser a ocasião de dar mais estrutura ao movimento, de fazer dele uma verdadeira plataforma de comunicação, intercâmbio e coordenação entre todos os trabalhadores, que os ajude a construir as ferramentas da vitória.

### Trabalhadores dos bares dos comboios de longo curso:

### "Nós queremos que a nova empresa cumpra com o prometido!"

Os trabalhadores dos bares da CP, comboios de longo curso, que estiveram 52 dias em greve total, acampados frente à estação de Santa Apolónia (Lisboa) e Campanhã (Porto), desde o dia 1 de Março, reclamando o pagamento dos salários em atraso e demais direitos, voltaram à luta, paralisaram no dia 22 de Setembro. A nova empresa, *Newrail*, recebeu o dinheiro do Estado e comprometeu-se ao pagamento de tudo o que era devido, mas agora recusa cumprir o Acordo de Empresa, pagar o devido à Segurança Social, pagar o subsídio de almoço, pagar os retroactivos desde Janeiro. Por causa disso, os trabalhadores voltaram à luta e exigem o cumprimento do AE.



Os *Solidários* têm apoiado e divulgado esta luta e mais uma vez estiveram presentes na concentração destes trabalhadores em Santa Apolónia.



CAROS CAMARADAS

## Convite para um ENCONTRO REGIONAL DE LISBOA DOS SOLIDÁRIOS

Dia 11 de Outubro de 2023, às 18h30m,  
na sede da base FUT, Rua do Terreiro do Trigo. 66 - 2ºC, Lisboa

PREPARATÓRIO DO

## 2º ENCONTRO NACIONAL DOS SOLIDÁRIOS

Dia 28 de Outubro de 2023, às 10h30m,  
na Fábrica do Braço de Prata, Lisboa

**Guerra militar e guerra social**, eis o resumo da situação política e social no mundo, na Europa e no nosso país: ameaças aos direitos mais elementares dos trabalhadores, da juventude e dos povos.

No nosso país, multiplicam-se os ataques aos salários, às pensões, aos direitos e ao emprego. Ao futuro da juventude.

O desinvestimento público prolonga a destruição larvar do SNS, do ensino e da investigação, do direito à habitação, do transporte público, dos serviços: de tudo o que constitui o nosso salário colectivo e nos permite viver.

Trabalhadores perdem poder de compra há mais de 20 anos. Jovens são condenados à precariedade ou à emigração. Antigos moradores e jovens em início de vida são expulsos para periferias a horas de distância do trabalho. Professores não recuperam os direitos correspondentes ao tempo de serviço efectivo. Médicos e enfermeiros são obrigados a horários absurdos por salários que não progridem.

Ainda agora, a gestão danosa da AutoEuropa pôs em lay-off milhares de trabalhadores: com a cumplicidade do governo, tocou à nossa segurança social, em vez de ao patrão, pagar a maior parte dos salários; não falando da destruição directa de centenas de empregos de trabalhadores temporários.

Na TAP, os resultados da reestruturação estão à vista de todos: perdas de direitos e salários, trabalhadores coagidos a "acordos de emergência", cortes nos postos de trabalho – medidas brutais tomadas pelo governo, cumprindo as instruções e imposições da Comissão Europeia.

Depois de privatizado o BES a um fundo abutre texano, que extraiu milhares de milhões do Orçamento do Estado, projecta-se privatizar a EFACEC a um fundo abutre alemão, a Groundforce, a fundos especulativos do Kuwait. Segue-se a TAP...?

Porém, estão aí também as lutas porfiadas de médicos e enfermeiros; as lutas dos trabalhadores da IP-Infraestruturas, da IP-Telecom, da IP-Engenharia e da IP-Património, dos trabalhadores da Portway, da Galp e da Petrogal, dos transportes e das telecomunicações, dos bares da CP, dos funcionários judiciais – as lutas dos operários americanos do automóvel e a resistência dos trabalhadores na Rússia e na Ucrânia à política de guerra.

Estão aí as lutas por vínculos e direitos iguais, as lutas dos trabalhadores das plataformas pela laboralidade e contratos de trabalho, contra a uberização, a individualização e precariedade.

As lutas para defender as conquistas de Abril, tantas delas seriamente comprometidas.

### Tréguas não há

Quem nos governa, em Bruxelas e em São Bento, ordena e prepara mais e novos ataques.

Nós, "**Solidários: Trabalhadores Atacados Não Podem Ficar Isolados!**", constituímos-nos para procurar a todo o custo a unidade e a solidariedade na luta e entre lutas de tantos sectores de trabalhadores atacados, pelos interesses dos trabalhadores – e exclusivamente por estes, sem contemplação dos interesses do patronato e do Estado que lhe obedece.

Urge reunir-nos de novo amplamente, activistas, sindicatos e sindicalistas que entendamos nosso dever enfrentar unidos os desafios e ameaças que nos preparam, agora que se prepara o Orçamento do Estado para 2024.

Quando de novo agoiram "as nuvens negras" da crise do sistema capitalista, exigimos aumentos de salários e pensões, direito imediato à habitação para todos, reposição dos direitos laborais e sociais fundamentais, Onde o governo PS e a União Europeia, com as "suas contas certas", pretendem que sejam de novo os trabalhadores e os mais desfavorecidos da sociedade a pagar a crise, nós dizemos: pague-a o capital, que dela beneficia e dela vive!

Todos ao encontro de Lisboa e a outros encontros regionais de preparação do Encontro Nacional, para prepararmos as medidas, palavras de ordem e orientações de unidade e luta que nos ajudem a reorganizar-nos e a reverter a situação.

Pelo Movimento dos Solidários,

José Casimiro – [jmmcasimiro@gmail.com](mailto:jmmcasimiro@gmail.com), 961 511 385

Adriano Zilhão – [adriano.zilhao@gmail.com](mailto:adriano.zilhao@gmail.com), 964724102



**groundforce**  
PORTUGAL

## COMPETE AOS TRABALHADORES DECIDIR ÀS DIRECÇÕES SINDICAIS COMPETE AJUDÁ-LOS A DECIDIR, NÃO COADJUVAR O PATRONATO

Realizou-se no dia 27 de Setembro de 2023 a Assembleia de Credores da SPdH/ Groundforce, à qual a Administração de Insolvência submeteu um “plano de recuperação” negociado com o comprador potencial da empresa, a *Menzies Aviation*.

O processo de declaração de insolvência da *Groundforce*, por iniciativa da TAP, seu principal credor e accionista (público) e verdadeiro responsável último pela sua gestão, foi precedido de numerosas manobras e manipulações.

O objectivo claro era afastar a resistência dos trabalhadores, preparar a alienação da empresa e, sobretudo, abrir caminho à privatização da própria TAP.

Desde que veio a lume a desabrida pilhagem da empresa pelo anterior accionista privado *Pasogal/Casimiro*, com a cumplicidade dos governos, os trabalhadores da *Groundforce* bateram-se longamente pelos seus direitos e salários e pela sobrevivência dos postos de trabalho e da empresa. A *Groundforce* era e é uma componente importante e estratégica do serviço público de transporte aéreo do país. Muitos trabalhadores defendiam a sua renacionalização.

O “plano de recuperação” agora aprovado pelos credores dá azo a muita preocupação entre os trabalhadores.

Conforme indicava um comunicado do movimento “*Solidários: Trabalhadores Atacados Não Podem Ficar Isolados*” lido por muitos trabalhadores da *Groundforce*, “entre as condições do candidato comprador (e da TAP) para investir os valores mínimos que permitam à SPdH recandidatar-se à renovação das licenças para os serviços de assistência em escala em 2025, contam-se alterações ao Acordo de Empresa vigente, cuja natureza exacta não fica clara – mas só ingénuos acharão que não serão de perda para os trabalhadores; e uma redução substancial dos “custos com pessoal”, a obter pelo despedimento de 300 trabalhadores, ou 10% da força de trabalho da SPdH. Diz-se que esses despedimentos terão a forma de “rescisões amigáveis”. Mas não se diz o que acontece se não houver trabalhadores “voluntários” para tais ou tantas rescisões.”

O comunicado dos *Solidários* tornava claro quem era o comprador putativo. A

*Menzies*, vagamente referida na comunicação social como empresa britânica com vasta tradição de actividade no sector, foi, na realidade, comprada, em 2022, pela firma *Agility*, do Kuwait, cujos donos são fundos de investimento privados do Kuwait. Estes decidiram manter o nome comercial “*Menzies Aviation*” para as operações de assistência em escala.

Prosseguia o comunicado: “*A operação em curso é, naturalmente e sem surpresa, um negócio entre capitalistas privados. O que o comprador espera é comprar muito barato e tirar o máximo lucro do seu (pequeno) investimento – não salvar a empresa, ajudar os trabalhadores ou o país. A TAP é também parte interessada na redução do custo com pessoal e na garantia da prestação de serviço a mais baixo custo.*”

### A palavra aos trabalhadores!

Se não é de admirar que os administradores da falência – no intuito de criar medo e forçar a opção pelo “mal menor” – recorressem à consabida linguagem patronal, insistindo que o plano era “para o bem de todos” e “se os trabalhadores não aceitarem, o resultado é muito pior”, muito mais de estranhar foi, como salientaram os *Solidários*, “(...) que as direcções dos sindicatos com mais filiados na empresa, o SITAVA e o STHA, se façam advogados veementes do acordo entre os administradores da insolvência e o putativo novo patrão.”

Indo muito além de defender a sua posição negocial, a direcção do SITAVA agiu como vendedor e promotor do negócio por conta do comprador, caluniando com violência quem levantasse legítimas dúvidas e exprimisse a inquietação dos trabalhadores.

O plenário de trabalhadores do dia 5 de Setembro não foi, aliás, convocado pelo SITAVA nem pela maioria da CT para, como seria de esperar, submeter o plano e o resultado das negociações à apreciação e aprovação ou rejeição dos trabalhadores. Resultou antes de um abaixo-assinado posto a circular entre os trabalhadores, na base.

Porque, como dizia o comunicado dos *Solidários*, “*compete aos trabalhadores decidir*”.

A falência e posterior alienação do BES a um fundo abutre do Texas, a privatização em curso da EFACEC a outro fundo de especulação com empresas em crise, desta vez alemão, a própria privatização da TAP, que se prepara ao arripio dos interesses do país, da vontade dos trabalhadores e da população, dão toda a razão aos trabalhadores da *Groundforce*, escaldados com a pilhagem pela *Pasogal*, para desconfiarem grandemente do negócio com mais fundos especulativos privados, neste caso do Kuwait...

<https://www.facebook.com/SolidariosTANPFI>  
[solidariostap.galp@gmail.com](mailto:solidariostap.galp@gmail.com)



Assembleia Geral de Trabalhadores da *Groundforce*  
convocada por abaixo assinado de 400 trabalhadores, no dia 5 de Setembro.



## guerra na ucrânia

## A coligação imperialista começa a fracturar-se NOVA ESTRATÉGIA DO IMPERIALISMO NA GUERRA DA UCRÂNIA?



“Ajudar a Ucrânia”... há ano e meio que Chefes de Estado, ministros, chefes políticos da direita e da “esquerda” de todos os países da NATO não têm senão essas palavras na boca.

A contra-ofensiva que começou em Junho assentava na esperança de que o exército ucraniano, equipado com armas ocidentais modernas e treinado na Alemanha e na Grã-Bretanha, recapturasse território suficiente para colocar os seus chefes numa posição forte nas negociações a vir. Ou, melhor ainda, que os recuos russos induzissem a queda de Putin e mergulhassem a Rússia no caos militar e político.

A destruição da Rússia como nação, substituída por satrapias de senhores da guerra mafiosos prontos a vender os recursos da Rússia em saldo aos imperialismos ocidentais, é uma velha estratégia de Washington, formulada com clareza pelo velho Brzezinski, mas hoje de novo abertamente repetida na imprensa da alta finança.

### O problema: a grande contra-ofensiva estagna

Têm-se imolado dezenas de milhares de vidas de soldados ucranianos e russos, a produção de armas no mundo, principalmente na América, dispara e, com ela, os lucros astronómicos do complexo militar-industrial – mas pouco mais.

Na imprensa em que os estrategas e comentadores ao serviço do imperialismo EUA e aliados falam entre si já não há dúvidas: a contra-ofensiva que “levaria a Ucrânia à vitória” é um colossal fiasco. Só nas máquinas de propaganda para as massas, como as televisões e folhas como o *Público* (e equivalentes em cada país) tal ideia continua tabu.

Procura-se, então, uma nova estratégia para a guerra imperialista; e impõe-se preparar a opinião pública.

Não é fácil: há que justificar as já perto de, entre EUA e UE, duas centenas de milhares de milhões de dólares e euros de ajuda ao governo Zelensky, sobretudo ajuda militar para prolongar a guerra, que alimentam a inflação galopante em todo o mundo, forçam cortes drásticos nos orçamentos dos serviços públicos

e deterioram as condições de vida de centenas de milhões.

Nas palavras do coronel Richard Kemp (um antigo oficial inglês): “O tempo está a chegar ao fim. Após 18 meses de guerra, a questão já não é saber se a aliança ocidental se irá desagregar, mas quando. O Ocidente continua empenhado na contra-ofensiva da Ucrânia – mas há cepticismo quanto aos objectivos finais de Zelensky.”

Na sua mais recente visita a Washington, o mesmo Zelensky, criatura dos EUA e da UE, declarava que “tenho que estar preparado para uma guerra de longa duração”.

Com efeito, o *The Economist* admoestava, a 23 de Setembro, que “infelizmente, a Ucrânia ainda não está preparada; nem os seus parceiros ocidentais. Ambos continuam fixados na contra-ofensiva. Precisam de repensar a estratégia militar e económica para a Ucrânia. Em vez de visar a “vitória” e a seguir reconstruir, o objectivo deve passar a ser dotar a Ucrânia do arcaboço para travar uma guerra de longa duração – e prosperar ainda assim. (...)”

Raciocina *The Economist* que “a economia encolheu um terço e quase metade do orçamento da Ucrânia é pago com dinheiro ocidental. (...) Com cerca de um milhão de pessoas carregando armas e milhões de pessoas fugindo do país, os trabalhadores são escassos. A economia da Ucrânia precisa de deixar de depender da ajuda e passar a atrair investimento, mesmo que o conflito continue a agravar-se. Desde fabricar mais armas até processar mais daquilo que cultiva nas suas explorações agrícolas, a Ucrânia tem muito potencial. O desafio é fazer com que as empresas locais e estrangeiras invistam mais e atrair mais ucranianos de volta para as zonas mais calmas do país, no oeste.”

A estratégia de fazer da Ucrânia um “novo Israel”, um Estado militarizado encravado no corpo do inimigo e inteiramente sustentado pelo orçamento do Estado americano, já antes viera à colação. Diferença importante: ao contrário do velho Israel, os EUA exigem, no caso do novo, que sejam os seus subalternos europeus a pagar a factura.

### A reorientação proposta pelo imperialismo: guerra permanente na Europa Oriental

Ainda *The Economist*: “Novas tácticas e tecnologias podem levar a guerra até à Rússia. (...) esquadões de F-16 e mais sistemas de defesa antimísseis são essenciais. (...)”

Contudo, nos EUA, Biden, que, nas palavras de Kemp “tem arrastado os pés, prestando assistência militar suficiente para manter a Ucrânia na luta, mas, intencionalmente, não a suficiente para permitir uma vitória”, enfrenta sérios problemas “domésticos”, com o orçamento agora paralisado.

A ideia de isolacionismo avoluma-se no país, reflectindo divisões cada vez mais profundas na classe dominante. O bando isolacionista, Trump e parte do Partido Republicano, não visa, entenda-se, “virar as costas à Ucrânia e deixar a Rússia ganhar”. Visa obrigar os “parceiros europeus” a amanharem-se para custear integralmente a guerra, colhendo os EUA apenas os lucros – ainda que o preço seja mergulhar a Europa no caos e na barbárie que já imperam em grande parte do mundo.

As tensões e o medo acentuam-se, assim, cada vez mais, no próprio campo imperialista que fomenta e lucra com a guerra. As fracturas entre os grandes deste mundo ficaram patentes na cimeira dos “G20”. Mesmo nas fileiras da NATO, as fissuras são já indistigáveis. O confronto entre os governos ucraniano e polaco e a eleição na Eslováquia são sinais claros.

Do mesmo passo, começa a esboroar-se a “união sagrada” a que a maior parte dos dirigentes do movimento operário europeu se acorrenou. E começa a ganhar contornos o movimento de oposição e resistência à guerra imperialista entre os trabalhadores (veja-se, por exemplo, o apelo de sindicalistas alemães, página 10 deste número).

E, na verdade, só a juventude e o movimento operário organizado podem acabar com a guerra imperialista. É tempo de todas as organizações que falam em nome dos trabalhadores se apearem do carro da guerra e responderem a uma só voz:

**Cessar-fogo imediato!**  
**Confisco dos milhares de milhões de orçamentos de guerra em benefício das necessidades das populações!**  
**Nem Biden, nem Putin, nem NATO!**

## “lapsus linguae”: sempre foi a NATO que provocou a guerra

Declaração do Secretário-Geral da NATO, Stoltenberg, em 7 de Setembro, à Comissão dos Negócios Estrangeiros do Parlamento Europeu (que a propaganda oficial se escusou de mencionar): “*Putin declarou no Outono de 2021 que queria que lhe fosse prometido que a NATO iria parar de se expandir e enviou um projecto de tratado neste sentido propondo que a NATO o assinasse. Era para ele uma condição prévia para não invadir a Ucrânia. Claro que não assinámos (...). Rejeitámos esta proposta. Ele iniciou a guerra para impedir que a NATO, mais NATO, se aproximasse das suas fronteiras. Conseguiu exactamente o oposto.*” [fonte: website da NATO]

O chefe da NATO reconhece, assim, sem entusiasmo, que a NATO encorajou o regime de Putin a invadir a Ucrânia. A causa da guerra: o expansionismo da NATO, não do regime mafioso de Putin.

### “PARA QUE SERVIRAM ESTES RIOS DE SANGUE?”

Excertos de um relatório realizado por um grupo de militantes operários ucranianos numa grande cidade da Ucrânia

No final de Agosto, os dirigentes da região não se fizeram rogados a “animar” a população, anunciando o reforço da mobilização. “O comandante adjunto das forças armadas declarou que “a sociedade tem de perceber que a guerra continua”.

Andam então à caça de todos os que lhe tentam escapar. Último caso, para já: o gabinete do procurador regional referiu que um cidadão que abriu um grupo na rede social *Telegram* será julgado ao abrigo dos artigos do Código Penal referentes a ‘obstrução à actividade das forças armadas ucranianas’. O cidadão arrisca-se a uma pena de prisão significativa. Ora, o cidadão em causa nem é adepto do derrotismo revolucionário nem da palavra de ordem ‘Paz entre os povos, guerra aos governos’.

Antes: no seu grupo *Telegram* – com milhares de subscritores – viam-se mensagens de apoio ao exército ucraniano, mensagens anti-russas e nacionalistas. Mas a rede social também alertava os subscritores para evitarem as patrulhas que interpelam homens na rua e os mandam para a frente.

Ora, na dita frente, o avanço do exército russo na zona que vai de Kupiansk a Kremenna parece ser tão infrutífero como as tentativas ucranianas de penetração em direcção ao Mar de Azov. Do lado ucraniano, cresce o número de jovens que se recusam a combater. Do lado russo, tão-pouco o moral é à prova de bala. Em 9 de Agosto, ficou-se a saber da existência de uma cave, na aldeia de Zaitsevo (região de Luhansk) onde tinham metido soldados russos sobreviventes da unidade ‘Storm’. Mandam-nos avançar pelos campos de minas, em ataques sem tréguas, por vezes desarmados. “De uma centena de soldados da nossa unidade, apenas vinte sobrevivemos”, conta um deles numa gravação. “Quem se recusasse a entrar em combate levava uma bala nas pernas, pessoalmente disparada pelo oficial.”

Tanto do lado ucraniano como do lado russo, há cada vez mais soldados que compreendem instintivamente que não passam de carne para canhão. Acabarão estes soldados por abraçar posições anti-guerra? Ainda não é certo. Certo é que, se as coisas continuarem na mesma, não tarda nada que, de ambos os lados, não reste um único soldado vivo para mandar para novas ofensivas.

**Quando poderão os trabalhadores ucranianos, exaustos e enfraquecidos, finalmente respirar?**

**E para que terão servido estes rios de sangue?**

### Rússia - ALVO DO REGIME: O MOVIMENTO OPERÁRIO

O jovem militante anarquista Azat Miftakhov esteve em “liberdade” menos de cinco minutos. Estava na prisão desde 2019, na sequência de um processo forjado. Como as humilhações, o confinamento em solitária as torturas não o quebraram, as autoridades russas juntaram-no à “lista de terroristas e extremistas” no final de Agosto, para ganharem um pretexto para poderem prendê-lo logo que saísse da prisão. Mal saiu, a 4 de Setembro, foi detido por homens do FSB (Serviço de Segurança Federal), que saíram de uma carrinha com matrícula chechena. Um tribunal da cidade de Kirov ordenou a sua detenção até 3 de Novembro. Será julgado por “apologia do terrorismo”, com base em alegados “testemunhos” extraídos a três presos. “Agradeço a todos os que me apoiaram. A vossa solidariedade ajuda-me a aguentar. Estou certo de que a Rússia conhecerá um futuro melhor”, pôde declarar em tribunal.

A acusação de “terrorismo” é actualmente utilizada de forma sistemática pelo regime policial do Kremlin para reprimir quem reivindicar a luta contra a guerra e a exploração. O sociólogo e activista de esquerda Boris Kagarlitsky foi, também ele, incluído na “lista de terroristas e extremistas” após a sua detenção, em 25 de Julho.

Em 5 de Setembro, o Ministério Público classificou a *Federação Internacional dos Trabalhadores dos Transportes* (ITF) como “organização indesejável” na Federação Russa. Ora, há, na Rússia, nada menos do que sete organizações sindicais independentes filiadas na ITF. Entre elas, o Sindicato dos Marinheiros, o RPSM, cujo presidente, Yuri Sukhorukov, referiu haver “pelo menos 198 mil marinheiros russos empregados na indústria dos transportes marítimos, e a maioria deles beneficia de acordos colectivos negociados pela ITF. Cada marinheiro russo – insisto, cada marinheiro – sabe o que é a ITF. Muitas vezes, é o único organismo a que um marinheiro se pode dirigir para obter uma ajuda real, seja por salários não pagos, seja na defesa legal dos seus direitos”.

Não é por acaso que o regime dos oligarcas, atolado na sua guerra na Ucrânia, dirige o fogo contra o movimento operário. Segundo as estatísticas oficiais, desde o início do ano, um terço do orçamento de Estado foi engolido pelo orçamento da guerra. Enquanto isso, os “peritos” receiam que “o Extremo Oriente, a Sibéria, os Urais e as regiões setentrionais sejam os primeiros a sofrer com o significativo aumento do preço do pão” (NGS.ru, 4 de Setembro). Para os 2 milhões de habitantes Novosibirsk, na Sibéria, o preço do pão já aumentou 10%, ao passo que os salários estagnaram.

**Libertação de Azat Miftakhov!**

### Neo-nazis russos OS ESTRANHOS ALIADOS DA UCRÂNIA

O governo ucraniano ambiciona integrar a NATO e a União Europeia. Diz-se na “primeira linha de defesa dos valores da liberdade e da democracia”.

Curiosamente, ao lado do exército oficial ucraniano e dos seus conselheiros e instrutores ocidentais, combatem neonazis russos de grupos para-militares, como o *Corpo de Voluntários Russos* e a *Legião da Rússia Livre*. Têm, nomeadamente, feito incursões em território russo retirando em seguida para a Ucrânia.

Os objectivos são claros: contornar a pressão para que a ajuda militar ocidental não seja vista em missões no interior da Rússia; e após a “vitória ucraniana”, permitir “libertar e controlar” regiões russas.

Recentemente, o *The Guardian* dedicou um artigo a Denis Nikitin, destacado membro do RDK, do qual se transcrevem os extractos seguintes.

«Denis Nikitin chegou à entrevista num restaurante de Kiev armado com uma pistola e ladeado por dois guarda-costas também armados. Não teria sido uma visão surpreendente na Ucrânia em tempo de guerra, não fora um detalhe: Nikitin é russo. Antes da invasão da Ucrânia por Vladimir Putin, no ano passado, Nikitin era conhecido como um nacionalista russo notório: construiu ligações entre grupos de extrema direita em toda a Europa e foi uma figura importante na cena do hooliganismo no futebol russo. (...)»

Hoje em dia, dirige o *Corpo de Voluntários Russos* (RDK, na abreviatura russa), unidade controversa de cidadãos russos que luta ao lado do exército ucraniano. (...)»

Mas o RDK é um aliado complicado para a Ucrânia. Muitos dos seus membros têm opiniões de extrema direita. Nikitin, que cresceu na Rússia e na Alemanha, foi banido do espaço Schengen em 2019 e tem a reputação de ser um dos neonazis mais notórios da Europa. Mora em Kiev desde 2017, um ano depois de ter participado com outros hooligans russos em confrontos violentos com adeptos ingleses em Marselha em 2016. (...)»

Nikitin acusa a imprensa de exagerar. Afirmou que nunca usou a expressão “supremacista branco”, e disse que só lhe chamam “neonazi” porque é contra a “propaganda LGBTQ e o marxismo cultural”. Contudo, pressionado a respeito das suas opiniões sobre a Alemanha nazi, admite que embora “o genocídio e as câmaras de gás sejam maus, independentemente de quem os faz”, admira muita coisa do Terceiro Reich. “Gosto muito da cultura, do estilo. Sou muito pró-militar”, disse.»



## guerra na ucrânia **ABAIXO-ASSINADO QUE CIRCULA ENTRE SINDICALISTAS NA ALEMANHA, RECUSANDO A MOÇÃO DA DIRECÇÃO AO CONGRESSO DO SINDICATO ver.di** (mais de 11.500 assinaturas à data de 23 de Setembro de 2023)

*Finda a 2ª guerra, todos os partidos do movimento operário alemão juraram que de solo alemão não voltaria a partir a guerra. Esse juramento ficou abalado com a adesão da Alemanha à NATO, mas só foi definitivamente traído pela primeira vez pelo governo SPD/verdes do início deste século, sendo ministro dos estrangeiros o “verde” Fischer, quando os EUA e a NATO decidiram atacar a Sérvia, com participação alemã. Mas o apego dos militantes operários e democráticos alemães à paz mantém-se forte. O apelo que abaixo publicamos, assinado por milhares de sindicalistas, revolta-se contra a posição de apoio à guerra imperialista na Ucrânia tomada pela direcção da confederação sindical e do grande sindicato ver.di.*

**A TODOS OS SINDICALISTAS, mas especialmente aos delegados ao congresso federal do sindicato ver.di,**

# DIZEI NÃO!

Depois da decisão do Congresso Federal da DGB [Confederação Alemã de Sindicatos] de 2022, promovida pelo Comité Executivo Federal da DGB em violação dos nossos estatutos e resoluções, de **“aprovar os fornecimentos de armas!”**, quer-se agora, por **iniciativa da direcção do ver.di, apoiada pelo conselho sindical**, reproduzir tal decisão também no Congresso Federal do ver.di: **sim! – a uma lógica de guerra** que, **à pala de um dito “conceito abrangente de segurança”**, advoga explicitamente a **“segurança militar”** e, indirectamente, o **“reapetrechamento militar e o rearmamento”**, bem como o **“destacamento de soldados alemães para missões de guerra – “na medida necessária para o cumprimento das suas tarefas na defesa do país e da aliança”**, tudo isto depois de um título que obnubila a sua verdadeira substância: **“Perspectivas de paz, segurança e desarmamento num mundo em mudança”** (todas as passagens em itálico correspondem a texto original da moção da direcção).

Com uma profusão de palavras e um apelo à “especial responsabilidade” dos governantes, pretende-se pôr os delegados a levantarem o braço pela solidariedade dos sindicatos com o governo alemão, especialmente no que se refere ao apoio militar à Ucrânia. **Isto, hoje, significa fornecimentos de armas, que chegam a incluir bombas de fragmentação mundialmente proscritas; amanhã, já poderão ser soldados!** O programa de rearmamento, que vale 100 mil milhões de euros, é rejeitado só em parte, por ser **“exclusivamente para as Forças Armadas Alemãs”**; e por o mesmo governo prosseguir, inabalável e despidoradamente, o mesmo programa neoliberal de todos os seus antecessores, de esvaziamento dos serviços públicos; pretende-se que o **“reapetrechamento militar e o rearmamento da Bundeswehr e da NATO”** tão somente **“não seja ilimitado”**.

**É a genuflexão derradeira à lógica militarista e o exacto oposto da nossa convicção sindical elementar: que o que nos une é rejeitarmos pensar em categorias militares – que, inserindo uma palavrinha, é transformado no seu oposto: “o que nos une é rejeitarmos pensar em categorias puramente militares”.**

Nós, sindicalistas do ver.di, do IG Metall e de outros sindicatos filiados na DGB, dirigimo-nos aos delegados do congresso nacional do ver.di:

## DIZEI NÃO!

**Não levanteis o braço para abraçar outra vez a colaboração dos sindicatos com a política de guerra alemã!**

**Não esqueçamos o que aconteceu em 1914:** as direcções sindicais de toda a Europa, violando todas as resoluções anteriores, mandaram os seus filiados para a guerra — **pretensamente ‘contra o czar-déspota russo’, na realidade para lucro das Krupp, Thyssen e Co.** Em coerência, declararam a chamada **‘união sagrada’, ‘assumindo a responsabilidade nacional pelo povo e pela pátria’,** cessando toda a luta de classe e laboral; os apoios às greves foram suspensos.



à moção da direcção ao congresso federal do ver.di

- que, com o seu "sim! aos fornecimentos de armas", **viola os nossos estatutos**, que, no nº 3 do artigo 5º, alínea i), nos comprometem a **“combater tendências militaristas”**; e **passa por cima de todas as nossas anteriores resoluções, claras e inequívocas, contra o fornecimento de armas.**
- que, com o seu “Sim! ao reapetrechamento militar e ao rearmamento”, **viola a nossa Declaração de Princípios**, transformando a nossa posição, mil vezes reiterada, a favor do “desarmamento geral” e do “direito de todos os povos à protecção contra a perseguição, a tortura e a guerra” em “tretas passadas”.
- que finge que o ataque da Rússia à Ucrânia é a primeira guerra na Europa desde 1945, “omitindo” **a guerra de agressão, em 1999, da NATO contra a República Federal da Jugoslávia, bombardeada dia e noite durante 78 dias com participação alemã, em violação do direito internacional.**

**Quem tudo isto “esquece” está aderindo ao partido da guerra alemão.** Quem pensa que as guerras actuais em todo o mundo têm o que ver com ‘liberdade’ vs ‘ditadura’, ‘agressão’ vs ‘autodefesa’, ou mesmo com ‘direito internacional e direitos humanos’, já caiu na esparrela da **propaganda de guerra de ambos os lados.** Ainda nunca aconteceu ser tal o objecto de disputa na história, como agora o não é.

Mantenhamo-nos, pois, fiéis às resoluções dos anos anteriores.

**Não às entregas de armas! Não a nenhuma forma de rearmamento! ... sim ao desarmamento - JÁ!**

**A nossa posição é e continua a ser anti-militarista e internacional.**

Só pode haver uma resolução que beba nas lições da nossa própria história:

- **O nosso futuro não é ao lado do governo alemão ou de qualquer outro partido da guerra.**
- **O nosso futuro é ao lado das trabalhadoras e trabalhadores, que, em Itália e na Grécia, lutam contra o fornecimento de armas, e com os nossos colegas, em França, na Grã-Bretanha e em todo o mundo, que fazem greves e greves contra a guerra e contra o descarregamento dos custos da crise e da guerra sobre as costas de nós todos.**
- **A nossa solidariedade é devida às trabalhadoras e trabalhadores, objectores de consciência, desertores e refugiados da e na Ucrânia, Rússia, Bielorrússia e em todo o mundo!**

**Ruptura declarada com a “paz social” dos governantes:**

**NÃO PAGAMOS AS VOSSAS GUERRAS!**

**BAIXEM AS ARMAS – AUMENTEM OS SALÁRIOS!**

**Por isto lutemos, juntos e organizados!**



## afeganistão

Carta

do Movimento Espontâneo das Mulheres Afegãs  
ao Comité Internacional de Defesa das Mulheres Afegãs,  
pedindo apoio para uma jornada mundial de luta  
no dia 7 de Outubro de 2023



## ASILO IMEDIATO ÀS MULHERES AFEGÃS PERSEGUIDAS PELO REGIME DOS TALIBÃS!

“O Movimento Espontâneo das Mulheres Afegãs gostaria de sugerir ao Comité Internacional de Defesa das Mulheres Afegãs a organização de campanhas, acções e concentrações no dia 7 de Outubro de 2023, em todo o mundo, em apoio dos direitos das mulheres afegãs oprimidas pelo regime talibã, para exercer pressão sobre os governos – em particular os das grandes potências – para que concedam asilo imediato e incondicional às mulheres e mulheres activistas afegãs que estão sendo perseguidas e ameaçadas de morte por terem usado lutar pelos seus direitos.

Porquê 7 de Outubro? Porque é uma data dolorosa na memória do povo afegão. Foi em 7 de Outubro de 2001 que o governo dos Estados Unidos, à cabeça de uma vasta coligação de governos e da NATO, lançou no Afeganistão aquilo que chamou ‘guerra contra o terror’; seguiram-se vinte anos de ocupação em que foi usada a ‘mãe de todas as bombas’, causando a perda de dezenas de milhares de vidas de homens, mulheres e crianças.

Em 2001, o governo dos EUA derrubou o regime talibã, entregando o poder, no essencial, às forças da ‘Aliança do Norte’, composta por fundamentalistas religiosos, senhores da guerra, violadores dos direitos humanos e criminosos de guerra. Posteriormente, a 15 de Agosto de 2021, o governo dos Estados Unidos restaurou o poder dos talibãs, que, desde então, têm continuado a tomar medidas que excluem as mulheres de todos os aspectos da vida pública: é-lhes proibido trabalhar, estudar e até andar na rua e em locais públicos.

As vozes das mulheres afegãs oprimidas têm de ser ouvidas; os governos que afirmam respeitar os direitos das mulheres têm de deixar de assinar acordos e negócios com o regime misógino dos talibãs. O regime talibã não pode ser apoiado nem política nem financeiramente; não pode, em circunstância alguma, ser reconhecido. É preciso ajudar o movimento de protesto das mulheres no Afeganistão, e é preciso conceder imediatamente asilo às mulhe-res ameaçadas e em perigo.”

Ajuda a difundir esta campanha

DIVULGA O COMITÉ INTERNACIONAL DE DEFESA DAS MULHERES AFEGÃS:  
<https://defendafghanwomen.org/> E OS SEUS COMUNICADOS DE IMPRENSA

Apoia financeiramente o Comité Internacional

POR Paypal OU CARTÃO DE CRÉDITO NA PÁGINA:

[https://www.paypal.com/donate/?hosted\\_button\\_id=CE4H7EDN7FZZ4](https://www.paypal.com/donate/?hosted_button_id=CE4H7EDN7FZZ4)

Transferência bancária para a conta:

“Comité international de défense des femmes afghanes”

BIC/SWIFT: CMCIFR2A - IBAN: FR76 1027 8060 5000 0213 5650 174

7 de Outubro de 2023

Fotos enviadas pelos nossos camaradas  
envolvidos na organização de algumas  
das acções realizadas por todo o mundo,  
em resposta ao apelo reproduzido ao lado.



LISBOA



BILBAO



LAHORE



PARIS



Grécia

## Um capitalista americano torna-se chefe da “esquerda radical”... ...ou da necessidade de verdadeiros partidos dos trabalhadores

A capitulação do governo de Tsipras ao ultimato da União Europeia em 2015 – traindo o mandato que ele próprio pedira aos trabalhadores em referendo – ficou como um marco inesquecível da impossibilidade de fazer políticas favoráveis aos trabalhadores sem romper decisivamente com a União Europeia, o Banco Central Europeu e o FMI.

Desde então, o Syriza (que significa “Coligação da Esquerda Radical”) manteve-se numa imparável trajetória descendente de capitulação à austeridade e ao capital, apesar de isso lhe custar grande parte do apoio popular, mesmo no plano eleitoral.

Após a mais recente derrota eleitoral, já este ano, Alexis Tsipras demitiu-se de presidente. Seguiu-se uma guerra fraccional pelo cargo... sem que, em abono da verdade, fracção alguma pusesse em causa a submissão aos planos de austeridade ditados pela Comissão Europeia e pelo Banco Central Europeu – as semelhanças não escaparam ao trabalhador português atento ao destino da “geringonça”.

Mesmo assim, a eleição como novo presidente de Stefanos Kasselakis tem que se lhe diga. Emigrante nos Estados Unidos desde os 14 anos (ali fez fortuna especulando nas bolsas de mercadorias, donde transitou para ganhar milhões como armador), Kasselakis era completamente desconhecido na Grécia.

Quatro semanas de campanha nas redes sociais e o apoio de jornais e canais de televisão burgueses deram a vitória a este capitalista americano de 35 anos nas eleições internas do Syriza.

O pagamento de uma quota de 2 euros

permite a qualquer um tornar-se membro do “partido” e, assim, eleger o seu presidente por votação através da Internet! Dos 150.000 “membros” do Syriza que votaram, pelo menos 50.000 seriam novos “membros por 2 euros”, actores de uma operação montada com um único e claro objectivo: privar os trabalhadores de partido, fazê-los abandonar a ideia de poderem ter um partido seu: “abolir” a luta de classes...

Com Kasselakis à frente, o Syriza continuará a exigir decerto “um capitalismo mais humano”. Mas – um capitalismo.

Entretanto, no mundo do capitalismo realmente existente, o governo Mitsotakis (direita), adoptou uma contra-reforma do Código do Trabalho, que pede meças às condições de trabalho do século XIX:

- Semana de trabalho de 6 dias;
- Jornada diária máxima de trabalho até 13 horas, “permitindo” que trabalhadores a tempo inteiro possam ter uma segunda ocupação a tempo parcial;
- Máximo de 78 horas de trabalho por semana;
- Legalização dos chamados “contratos de zero horas”, isto é, sem estipulação do número de horas ou de horário de trabalho e com a obrigatoriedade de, a qualquer hora do dia, o trabalhador se apresentar no seu posto de trabalho, sem aviso prévio;
- Restrições do direito à greve, designadamente pena de prisão para quem impeça a utilização de “furguetes”;
- Período de um ano de livre despedimento do trabalhador sem qualquer compensação ou aviso prévio, nos novos contratos de trabalho.



Protestos em Atenas contra os ataques aos direitos dos trabalhadores

A Grécia foi, em muitos aspectos, um “banco de ensaio” acelerado do caminho para o abismo do reformismo contra-revolucionário, seja nas velhas versões, seja nas mais modernas ou *woke*. O Syriza sai de cena à mesma alta velocidade com que capitulou.

Na Grécia como em toda a parte, não há falsos atalhos. Nada substitui a tarefa imperiosa de construir uma Internacional Operária e autênticos partidos dos trabalhadores; a tarefa de romper com o capitalismo, ajudar os trabalhadores a conquistarem o poder e socializar os grandes meios de produção e de troca.

Estados Unidos

“América está em greve”, é a manchete da CNN (30 de Setembro), canal de televisão pouco habituado a lidar com a luta de classes. A classe trabalhadora, em movimento, ocupa o centro das atenções.

Biden, do lado democrata – aquele que, em dezembro passado, proibiu a greve dos ferroviários – e o bilionário Trump, do lado republicano, tiram fotos com os piquetes. Se estes dois representantes do capital fingem estar do lado dos trabalhadores, é para tentar minimizar o que parecem ser as maiores greves dos trabalhadores nos Estados Unidos em pelo menos 60 anos.

A inflação, o congelamento dos salários, o colapso dos padrões de vida levaram os trabalhadores a exigir aumentos salariais, especialmente porque sabem que a classe capitalista está a acumular lucros exorbitantes.

### AS LONGAS GREVES DOS ARGUMENTISTAS E ACTORES DE HOLLYWOOD

A greve de actores e argumentistas dos estúdios de Hollywood, que já dura há cinco meses, está prestes a fazer ceder os patrões? Segundo o Financial Times, já custou aos grandes estúdios cinco mil milhões de dólares.

O sindicato dos argumentistas (WGA) acaba de chegar a acordo com o patronato sobre o futuro acordo colectivo, estando o resultado final ainda sujeito à aprovação dos filiados.

O acordo incluirá, segundo a direcção do sindicato, grande parte do reivindicado. A principal reivindicação era um aumento nos salários que acompanhasse a inflação. E, tal como os actores (que entraram em greve em meados de Julho), protecção contra a utilização de inteligência artificial, que os patrões querem utilizar para poupar empregos humanos.

Entretanto, a greve dos actores continua. O seu sindicato SAG-AFTRA (160 mil membros), organiza piquetes diários em frente às sedes de grandes empresas como Netflix, Disney, Universal e Warner Brothers.





# A GREVE NO SECTOR AUTOMÓVEL

## Uma história americana? Não só...



É uma história de trabalhadores que já não aguentam mais: “Trabalhamos de dez a doze horas por dia, estamos exaustos”, diz uma. “Não conheço ninguém que consiga «chegar ao fim do mês»”, diz outra, em lágrimas.

É uma história de trabalhadores que entraram em greve: “O patrão deu a si próprio um aumento de 40%, então nós também queremos 40% de aumento. Lutamos pela nossa classe”, diz um deles. Acrescenta: “Não pedimos grande coisa... apenas justiça”.

É uma história de trabalhadores que apelaram para o seu sindicato. E de um sindicato que respondeu ao seu apelo, organizando a greve.

É uma história de trabalhadores a quem andaram a contar que, devido à “transição energética”, teriam de aceitar sacrifícios. E que responderam juntando entre as suas reivindicações, a seguinte exigência: se as condições de produção forem viradas do avesso por causa da tal “transição”, as novas empresas do sector que garantam os mesmos direitos que a classe já obteve.

É esta uma história que é a história da luta de classes. Mais especificamente, é a história da luta de massas em curso nos Estados Unidos. Mas não é uma história especificamente americana. Mais pormenor, menos pormenor, podia ser francesa ou chinesa, alemã, nigerina ou mesmo portuguesa. **A luta de classes é internacional.**

E a prova de forças que se está a desenrolar neste momento nos Estados Unidos recorda-nos as regras básicas dessa luta.

A primeira é que não há argumento – nem dívida, nem guerra, nem “transição energética”, nem crise económica – que deva fazer os trabalhadores desistirem das suas reivindicações. E a mais elementar de todas as reivindicações é a de justiça: nada justifica que os trabalhadores tenham de abrir mão do seu poder de compra, nada justifica que o patrão se empanturre de lucros enquanto os trabalhadores perdem 40 ou 50% do seu poder de compra.

A segunda lição universal é que nada se conquista sem unidade e respeito pela vontade dos trabalhadores. Nos Estados Unidos, o sindicato organizou a consulta dos trabalhadores sobre a decisão de entrar em greve. Quando deu voz de greve, foi mandatado por eles, por grande maioria de votos.

A terceira lição, tira-a um responsável regional do sindicato: “Ao contrário do que se fazia antigamente, a nova direcção do sindicato não cedeu aos patrões; acabou com a ‘parceria’ do tempo em que os trabalhadores sindicalizados nos acusavam de conluio com o patrão”.

E a quarta lição? Que, sem luta, a classe trabalhadora não obterá absolutamente nenhuma concessão, nem a mais pequena; nada ganhará, se não virar os pratos da balança.

Independência de classe, unidade dos trabalhadores, democracia operária na luta: tripla exigência porventura específica à luta de classes nos Estados Unidos?

**Não, própria a todos os trabalhadores do mundo!**

Traduzido e adaptado de Daniel Gluckstein (*La Tribune des Travailleurs* nº408)

## Os Desafios que a Histórica Greve dos United Auto Workers Enfrenta



No dia 15 de Setembro, cerca de 13.000 operários sindicalizados nos *United Auto Workers* (UAW) largaram o trabalho, numa greve pioneira, que é testemunho do formidável ressurgimento do movimento operário nos últimos anos.

Os UAW representam centenas de milhares de trabalhadores do sector automóvel, nos Estados Unidos, no Canadá e em Porto Rico.

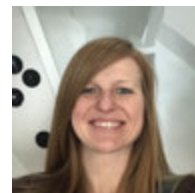
Em homenagem às famosas “greves sentadas” da década de 1930, o sindicato está a fazer greve por “vagas sucessivas”.

Começou-se em três fábricas. Em 22 de

Setembro, a greve alastrou a 38 localizações, em 20 estados, num total de 18.300 trabalhadores em greve. Como raramente sucedeu no passado, 70% do país diz-se favorável às reivindicações dos UAW.

A direcção do sindicato sai da antiga oposição, os *United All Workers for Democracy* (UAWD), um movimento de base de sindicalistas que ganhou o poder nas últimas eleições, depois de fazer campanha pela eleição directa – um filiado, um voto – do *Conselho Executivo Internacional* (IEB). Desse processo saiu o novo presidente,

Extracto do editorial do jornal socialista americano *The Organizer*, por Coral Wheeler



Shawn Fain.

Fain representa uma ruptura com a anterior direcção corrupta, que aceitava todo o género de concessões. Pondo a questão de classe, Fain retratou o novo estado de espírito que se sente em todo o movimento operário: patrões e trabalhadores não são parceiros – são inimigos.

Assim galvanizados, os sindicalistas estão a dar o benefício da dúvida a Fain e à direcção na ousada estratégia de greve por vagas sucessivas, que pretende manter a flexibi-

Continua na página seguinte



Continuação da página anterior

idade e proteger o fundo de greve dos UAW na perspectiva de uma batalha demorada, sem deixar de demonstrar o potencial do sindicato.

Por enquanto, a base parece apoiar a tática da cúpula sindical. Mas há dúvidas. Há trabalhadores que acham que era melhor mostrar logo a força toda do sindicato, pondo em greve os 150 mil trabalhadores representados, em todas as fábricas ao mesmo tempo.

### A luta é de todo o movimento operário

Os UAW lutam por um aumento salarial substancial, de 36%, pelo fim do sistema de duas grelhas salariais, por aumentos em função da inflação, por sistemas de saúde e pensões decentes e – acima de tudo – por que a transição para os veículos eléctricos (EV) não resulte numa perda maciça de postos de trabalho com protecção sindical. O “entusiasmo” da imprensa capitalista pelos veículos eléctricos é indistigável. A produção de VE precisa de menos peças e de menos trabalhadores. Exige construir novas fábricas e requalificar os trabalhadores para operar os novos equipamentos. Se os fabricantes de automóveis levarem a sua avante, as novas fábricas, pesadamente subsidiadas pela recente legislação da administração Biden, serão implantadas principalmente no Sul dos Estados Unidos, onde a legislação anti-laboral torna difícil o sindicalizar.

Vale a pena salientar que quem riscou do projecto de lei de Biden uma disposição que exigia que as novas fábricas empregassem trabalhadores sindicalizados foram os democratas.

Converter tantos postos de trabalho sindicalizados em empregos sem protecção sindical seria um golpe tremendo para os UAW e para o movimento sindical como um todo. É fundamental os UAW reivindicarem que os postos de trabalho dos investimentos nos EV e no lítio beneficiem da sindicalização!

### Biden sob pressão para manter a fachada de “amigo dos trabalhadores”

Numa manobra cuidadosa para reforçar a sua pretensão de ser “o melhor amigo que os trabalhadores alguma vez tiveram na Casa Branca”, o Presidente Biden anunciou ir participar num piquete de greve no dia 26 de Setembro. E pediu aos fabricantes que partilhassem os lucros recorde das empresas.

Biden é tudo menos amigo dos trabalhadores. É conhecida a sua relutância, e a do Partido Democrático no seu todo, em defender activamente legislação pró-sindical como o *Employee Free Choice Act* (EFCA) e o *PRO Act*. Se apoiasse a sério os trabalhadores do sector automóvel, apertaria com os fabricantes de automóveis para acederem a todas as reivindicações dos UAW, não para “partilhar os lucros”.

Biden mostrou a sua verdadeira face há poucos meses, quando obrigou os ferroviários a cancelarem a sua greve. Agora, com as eleições ao virar da esquina, Biden precisa que os UAW e outros sindicatos apoiem a sua candidatura e façam campanha por ele. Mandou os seus principais representantes ver se conseguiam um acordo entre o sindicato e os fabricantes. Está desesperado por ser visto como salvador por ambas as partes.

Mas não será fácil encontrar um compromisso. Os dois lados estão muito distantes. Para haver acordo, o sindicato teria de recuar e não pouco. Teria, por exemplo, de concordar em participar numa comissão de parceria entre trabalhadores e administração para “analisar” a questão dos veículos eléctricos e do seu impacto nos trabalhadores. Se os UAW se mantiverem firmes, nem Biden conseguirá armar-se em ponte.

### É preciso continuar a escalada da greve

As bases querem uma greve curta e eficaz. A forma mais eficaz de acabar isto rapidamente com vantagem para os trabalhadores é os UAW usarem todo o seu poder e escalarem a greve logo que houver oportunidade. E apelarem a todo o movimento operário para se mobilizar em solidariedade com os trabalhadores do sector. A luta em curso é contra a destruição dos sindicatos, pela sua existência.

Nós apelamos ao movimento operário para que apoie esta luta. E para que o movimento sindical rompa com o Partido Democrático. Concordamos com a declaração do presidente da AFL-CIO de Vermont, David Van Deusen, de que os democratas “são um partido dos bilionários capitalistas, não nosso [da classe trabalhadora]. (...) e são, no fim de contas, também nossos inimigos”.

### Apoiemos, todos, os UAW na sua luta histórica!

**“Eles ficam com o nosso trabalho, nós ficamos sem os frutos dele”**

No domingo, 24 de Setembro, 150 ativistas do sindicato *United Auto Workers* (UAW) reuniram-se por videoconferência com o boletim *Labor Notes*.

#### O que eles disseram:

##### Um responsável regional do UAW:

*“Os sindicalistas estão prontos. Viajamos por todo o país e ouvimos a raiva deles.”*

##### Shana, delegada numa fábrica da General Motors em Wentzville (Missouri):

*“As pessoas acordaram. A camaradagem é forte entre os trabalhadores e estamos prontos para aguentar. (...) A minha filha quer ir para a universidade e constituir família, mas terá meios para isso? É por isso que estamos lutando. Estou cansada de ver homens e mulheres que, como eu, têm que contar cada centavo no supermercado. Falam-nos do “sonho americano”, mas somos nós que lutamos pelo sonho americano.”*

##### Chris, trabalhador da Ford no Kentucky:

*“Na minha fábrica, sugeri que os colegas se reunissem durante o intervalo. Dezasseis vieram. Entro nas oficinas, conto o que aconteceu na UPS onde o sindicato dos Teamsters chegou a um bom acordo graças aos piquetes. Muitos colegas usam o distintivo de greve todos os dias, é incrível. Na reunião seguinte, éramos vinte e seis. Todos ficaram muito zangados – inclusive eu – quando soubemos que a direção sindical não nos convocou para entrar em greve.”*

##### Mary, sindicalista da Ford, em Buffalo (Nova York):

*“Graças aos piquetes, podemos responder às perguntas dos funcionários e dissipar os rumores. Na fábrica todo mundo só fala disso. Todos concordamos em apoiar Shawn Fein [o presidente do UAW – nota do editor]. Também nós ficamos chateados por não termos sido chamados da greve, mas compreendemos a estratégia do sindicato.”*

##### Marcelina, eletricista há 24 anos na Ford em Chicago:

*“As semanas de trabalho são mais curtas, trabalhamos de dez a doze horas por dia e estamos exaustos. (...) Dizem que os nossos salários estão estagnados, mas na verdade estão a diminuir.”*

##### James, operário da Kentucky Truck:

*“As pessoas levantam-se de madrugada pa-ra ir trabalhar. Muitos moram a 1 hora de carro da fábrica. Quem leva as crianças à escola? Quem as vai buscar? Acordo às 4 da manhã, chego a casa às 6 da tarde, exausto. Como muitos, trabalho em dois empregos, 6 dias por semana. Queremos aproveitar os frutos do nosso trabalho. Eles têm o nosso trabalho, mas nós não temos os frutos dele.”*

**encontro internacional  
de jovens**

**realizou-se a 25, 26 e 27 de Agosto em França**

## Jovens revolucionários de todos os países: **UNAMO-NOS!**



**Concentração em homenagem a Léon Sedov (filho de Trotsky, assassinado por agentes de Estaline) a 26 de Agosto, em Paris**

O comunismo é uma luta internacional. Desde que Marx teorizou o conceito do conflito de classes, foi entendido que a luta do proletariado seria mundial. Assim, diz a lógica que é imperativo formar elos de cooperação e amizade com os nossos camaradas por todo o mundo. Foi isso que fizemos no final de Agosto, na França.

O encontro internacional de jovens revolucionários foi uma prova não só da possibilidade mas também da necessidade de internacionalizar a luta dos nossos respetivos países.

Eu aterrei em Paris sozinho. Não conhecia lá ninguém. Ainda assim, logo que encontrei os camaradas com quem iria passar o fim de semana, senti que estava entre irmãos. O sentido de empatia e camaradagem foi incrível. Éramos jovens de 9 diferentes países em 4 continentes, e nunca nos tínhamos conhecido. O facto que tenhamos quase imediatamente criado elos de amizade baseados nas nossas experiências coletivas de vida e luta é, para mim, testemunho da veracidade e do poder do Marxismo.

É algo que só reforça a minha crença no potencial e na necessidade do internacionalismo proletário. Em qualquer país que esteja, qualquer língua que fale, a classe operária é só uma. É verdade, a nossa classe não tem país. É a classe vermelha, a revolucionária, a que encontra família em qualquer lugar onde alguém bata o pé aos ataques à dignidade humana em prol do lucro capitalista.

Desde o principio, uma coisa foi óbvia. Embora sejamos todos de países, culturas e contextos diferentes, a nossa vida é muito parecida. Toda a gente sofre sob os efeitos do sistema capitalista, que enquanto diferentes de país para país, têm raízes-- e portanto sintomas-- comuns, de Lisboa a Joanesburgo.

Os camaradas onde a luta está mais avançada, como na África do Sul (denominada Azânia pelo camarada de lá oriundo) partilharam valiosas experiências e conselhos acerca dos ataques burgueses contra a organização das massas. Conhecimento valioso

para qualquer militante que ambicione, à imagem dos camaradas sul-africanos, ser uma verdadeira ameaça ao Capital.

Nunca me vou esquecer do que senti quando vi esses camaradas, mais velhos e experientes, serem rodeados por outros, mais jovens, sedentos de conhecimento revolucionário. As histórias das lutas do passado tornam-se na inspiração que guia as lutas do futuro. Foi assim que aquele encontro se tornou numa verdadeira escola revolucionária, onde todos ambicionavam ser bons alunos.

Mesmo os conflitos interpessoais (inevitáveis em qualquer espaço onde se juntem tantos jovens) foram resolvidos em camaradagem, com uma abordagem focada acima de tudo na empatia, compreensão e solidariedade. Apenas o Marxismo tem o poder de unir tantos jovens diferentes e, através do conflito, criar consensos em prol do trabalho pelas massas.

Nem sequer a barreira da língua conseguiu separar-nos. Obviamente, as intervenções estruturadas contaram com o apoio de intérpretes que traduziram os discursos. Mas muito mais impressionante que isso é o facto de que mesmo nas reuniões informais, nos debates à volta da máquina do café, aconteceu o mesmo. Não intérpretes formais, assegura-dos pela organização do encontro, mas jovens que organicamente agiram como a ponte entre os camaradas francófonos e os outros, no âmbito de promover o diálogo, o debate e a amizade em qualquer ocasião onde a oportunidade se manifestasse, não apenas nos tempos atribuídos formalmente.

A prova dos elos forjados é que o encontro não se deixou terminar em Agosto. Os jovens mais motivados seguiram a iniciativa proposta de criar um boletim internacional redigido pelos participantes da conferência, para reforçar as ligações criadas naquele fim de semana, e não deixá-las enferrujar.

Estes elos voltarão a ser reforçados em Novembro, com uma nova conferência em Paris, desta vez alargada na sua maioria aos

camaradas mais velhos. Em vez de estarem sobretudo entre os seus pares, aqui os jovens terão a hipótese de mostrar aos mais velhos o seu conhecimento, a sua experiência e, acima de tudo, a sua garra. A tocha será passada.

**Frederico**

## De mãos dadas com os trabalhadores

Trechos da declaração final dos participantes

*"Afirmamos que os problemas que enfrentamos são consequência do sistema capitalista e da sua decomposição. (...) Para se defenderem, os Estados capitalistas não hesitam, quando podem, em restringir as liberdades democráticas. (...) Exigimos que libertem os militantes que lutam contra a guerra e a exploração na Rússia, como Azat Miftakhov. Liberdade para todos os militantes operários presos, seja em que parte for do mundo. (...) Lutemos pelo socialismo. De Paris a Joanesburgo, de Liverpool a Haifa, de Washington a Moscovo e a Mexicali, as lutas dos jovens fazem-se de mãos dadas com os trabalhadores. Só a revolução socialista e, portanto, a socialização dos meios de produção pela classe trabalhadora pode acabar com o capitalismo, raiz dos nossos problemas. Há uma só juventude, e a juventude é internacional. Onde quer que estejamos, organizemo-nos para defender os nossos direitos, para pôr fim às guerras dos capitalistas, pela revolução socialista!"*



## última hora

DEPOIS DO LANÇAMENTO DE MILHARES DE MÍSSEIS  
A PARTIR DE GAZA CONTRA CIDADES ISRAELITAS

## Israel declara guerra

Na madrugada do passado sábado 7 de Setembro, o grupo palestino Hamas, que governa a faixa de Gaza, lançou um ataque com mísseis e incursões surpresa contra vários pontos de Israel, provocando 600 vítimas mortais, segundo as autoridades israelitas.

A imediata retaliação Israelita, com o lançamento de ataques aéreos à Faixa de Gaza, terá já feito quase 400 mortos (situação a 8 de Outubro).

Num aviso de inultrapassável cinismo, o primeiro-ministro de Israel, Netanyahu, avisou a população de Gaza para “sair” de lá, em preparação da resposta israelita. Gaza é conhecida como “prisão a céu aberto”, donde é impossível sair. Netanyahu prepara, pois, um massacre sem precedentes.

Para isso serve a sua declaração de que Israel está em guerra e que será “longa”. As consequências para o conflito e para o Médio Oriente são, para já, imprevisíveis.

O desespero e a revolta da população palestina são o pano de fundo desta resposta à ocupação da sua terra pelo Estado de Israel, que continua a implantar colónias e a asfixiar Gaza, alvo de um bloqueio económico devastador.

E a reacção da famosa “comunidade internacional”? Será que, a pensar numa outra guerra de ocupação em curso dois mil quilómetros a Norte, os Costas, Bidens, Macrons, Sunaks e quejandos declararam, solenes e resolutos, que condenam a ocupação da nação palestina, apoiam a sua legítima resistência contra o invasor e ocupante e lhe farão chegar todos os meios e armas para lhe resistir?

A pergunta é retórica. É evidente que declararam, no caso desta guerra de resistência, que apoiam incondicionalmente o Estado ocupante e o seu regime teocrático de *apartheid* e lhe farão chegar o dinheiro e as armas necessários para acabar de esmagar o povo palestino no sangue e no fogo.



Israel bombardeia Gaza após o ataque do Hamas

## cáucaso

Nagorno-Karabakh

## Limpeza étnica e indiferença das grandes potências

Após a agressão militar do Azerbaijão, as autoridades da república separatista arménia do Alto Carabaque (Nagorno Karabakh) capitularam.

Temendo massacres, 120 mil arménios abandonaram o território, povoado por arménios, mas enclavado no Azerbaijão.

Fugiram de terras onde viveram durante séculos, numa fila de quilómetros de veículos em direcção à Arménia. E fugiram por boas razões. As “limpezas étnicas” não são novidade nos conflitos que têm oposto Arménia e Azerbaijão desde 1988. Em 1994, 400 mil arménios e 800 mil azeris foram deslocados à força.

Mas a origem destas guerras não é o ódio entre estas nações do Cáucaso, que, como centenas de outras, vivem imbricadas umas nas outras há milénios. Na origem das guerras estão os governos capitalistas mafiosos, que competem por pedaços de território e recorrem ao nacionalismo para justificarem o seu poder.

**Ao contrário da Ucrânia, a sorte destes refugiados não parece mover nem comover os governos ocidentais e seus meios de comunicação.**

Será porque o regime do Azerbaijão, liderado pelo autocrata Ilham Aliiev (filho de Heydar Aliiev que, durante a era soviética, liderou o Partido “Comunista” do Azerbaijão), é apoiado por todas as grandes potências? Aliado do sultão turco Erdogan, melhor parceiro comercial “muçulmano” do Estado de Israel, ligado ao regime de Putin a quem compra o seu gás, ele é, ainda, aliado respeitável dos Estados Unidos e da União Europeia. E, claro, das multinacionais. Um deputado francês recordava, no final de Setembro, que o presidente da petrolífera francesa *Total* estivera poucos dias antes com o presidente Aliiev, enquanto se preparava a limpeza étnica dos arménios.



## Os BRICS expandem-se: com que objectivo?

Os BRICS, assim chamados quando um economista inventou o acrónimo para salientar semelhanças entre as economias do Brasil, da Rússia, da Índia, da China e da África do Sul, constituíram-se como grupo formal em 2011.

Em cimeira realizada de 22 a 24 de Agosto na África do Sul, o grupo alargou-se. A partir de 1 de Janeiro do próximo ano, Arábia Saudita, Argentina, Egipto, Emirados Árabes Unidos, Etiópia e Irão também serão membros. Há outros “candidatos”.

Uma parte da cena política convencionalmente considerada “de esquerda” pretende ver neste alargamento “uma pedra atirada à ordem mundial”, “uma boa notícia para o mundo, com impacto significativo na luta de classes” ou coisa que o valha.

Serão ou poderão os BRICS ser uma “força alternativa” à que reúne as sete grandes potências imperialistas (o G7) da América do Norte, Europa e Japão sob a égide do imperialismo americano?

O que une, afinal, os velhos (e os futuros novos) membros dos BRICS? “Unem-nos” as relações específicas, e muito diferentes, que cada um dos regimes mantém com o imperialismo americano — não as que mantêm entre eles.

Tais relações são relações de subordinação histórica. Nalguns casos, com aspectos ou momentos de conflito. A Arábia Saudita, por exemplo, regime semifeudal que sobrevive à sombra do guarda-chuva americano, acaba de chegar a um acordo com a Rússia sobre a produção de petróleo, com o objectivo de aumentar as receitas de ambos no respectivo mercado mundial. E, recentemente, fez ligeiras aproximações ao regime do Irão.

A coesão do bloco é, pois, nula. A Índia de Modi participa, sob a égide dos Estados Unidos, em todas as manobras militares contra a China, com a qual tem um conflito fronteiriço de longa data. Ambas são esteios dos BRICS...

No entanto, é indesmentível que a existência e alargamento dos BRICS põem em evidência que,

por esmagador que seja o domínio do imperialismo norte-americano, as contradições e conflitos não só não desaparecem, como se agravam.

O capitalismo, por maioria de razão na sua fase final, imperialista, é fator da sua própria, constante crise. Hoje, o imperialismo americano só pode reagir à crise, aumentando a agressividade com que trata não só os regimes neocoloniais, mas também todos os imperialismos subalternos — e as potências regionais que ele próprio até certo ponto alimentou para consolidar o seu poder no mundo.

Mas nem sempre os interesses das potências regionais estão perfeitamente alinhados com Washington. Quando o gigante americano começa a dar mostras de dificuldade em lidar com as crises que provoca, é natural que essas potências, frequentemente armadas até aos dentes (a Arábia Saudita para conter o Irão, por exemplo) tentem tirar proveito próprio da desordem mundial criada pelo imperialismo. É com isso que Biden e a sua administração têm de lidar.

Contudo, os BRICS não têm nada que ver com a luta dos trabalhadores e dos povos oprimidos. Nenhum dos regimes que os compõem é amigo dos trabalhadores. Seja o ultra-reacionário Modi, a mafia capitalista de Putin ou os chefes da burocracia chinesa, todos eles oprimem e reprimem as suas classes trabalhadoras. A presença na presidência da cimeira dos BRICS de Cyril Ramaphosa (presidente da África do Sul e carrasco dos mineiros de Marikana\*) foi simbólica.

Que o presidente Lula do Brasil apareça, em nome de vagas teorias sobre o “Sul global”, a alimentar ilusões entre os trabalhadores do seu país e do mundo a respeito dos BRICS é lamentável — e tema para futuro desenvolvimento.

\* Em Agosto de 2012, a polícia governamental do ANC atacou a greve na mina de Marikana, massacrando 34 mineiros negros. Ramaphosa, accionista da multinacional Lonmin, exigiu a repressão.